



## No chamado dos Orixás: Vida e experiência religiosa de Mãe Preta d’Ogum na cidade de Arroio Grande/RS

ANDERSON MACHADO<sup>1</sup>; DR<sup>a</sup> LETÍCIA DE FARIA FERREIRA<sup>2</sup>

<sup>1</sup> Discente da Universidade Federal do Pampa (UNIPAMPA) – [anderson.machado93@gmail.com](mailto:anderson.machado93@gmail.com)

<sup>2</sup> Docente da Universidade Federal do Pampa (UNIPAMPA) – [leticiaferreira@unipampa.edu.br](mailto:leticiaferreira@unipampa.edu.br)

### 1. INTRODUÇÃO

O presente trabalho busca realizar um estudo de caso no Reino Africano de Ogum, Iansã e Exú Tiriri”, localizado na cidade de Arroio Grande/RS tratando do modo como ocorre a ritualização deste espaço religioso e de saberes. Propõe-se ainda, etnografar e narrar a construção como espaço físico e a trajetória de sua dirigente espiritual, Maria Iolanda Lemos Gonçalves, conhecida pela comunidade como Mãe Preta D’Ogum.

Mãe Preta d’Ogum iniciou a sua caminhada religiosa ao lado de Ema Acosta Braga, que desempenhou o papel de ser sua Mãe de Santo. Ema Acosta Braga nasceu em dezembro de 1942, era natural da cidade de Rio Grande. O início de sua caminhada religiosa foi dada pela vertente Nagô, onde não permaneceu por muito tempo, migrando para a Nação Jejê quando entrou na casa de Mãe Hayde de Oxum. De grande renome na cidade de Rio Grande, Mãe Hayde de Oxum, até a atualidade é reconhecida como baluarte da nação Jejê.

Na década de 70, Ema Acosta deixa a sua terra natal para se mudar, junto com seus filhos carnais, para a cidade de Arroio Grande, assim se tornando pioneira a trazer o culto do Batuque para a cidade de Arroio Grande, onde ficou conhecida pela população por Mãe Ema de Xangô Aganjú e inaugurou a sua casa de Nação no dia 20 de Janeiro do ano de 1976. No ano de 1980, Maria Iolanda se torna então a primeira filha de Santo de Mãe Ema de Xangô, realizando o primeiro preceito chamado “amaci”<sup>1</sup> desde então desempenhou um papel de extrema importância dentro do Ylê de Xangô e Oxum<sup>2</sup> e, por ser a primeira filha da casa, lhe foi conferida muita confiança para desempenhar papéis importantes, tais como realizar todas as comidas típicas que servem de oferta aos Orixás e também àquelas pessoas que participavam ou assistiam. Também foi responsável por anos em realizar todos os afazeres relacionados à religião dentro do Ylê como a confecção dos Amacis de seus novos irmãos de santos e a limpeza dos Orixás existentes na casa,

No ano de 1989, Mãe Preta se torna de fato Mãe de Santo, pois realiza o seu primeiro amaci no neto de Mãe Ema, que na época tinha aproximadamente 10 anos de idade, a partir de então ela foi agraciada pelo seu Orixá e hoje a sua casa conta com mais de 80 pessoas, entre filhos de santos e pessoas que apenas são cuidadas por ela.

Em 1993 foi então construído o prédio onde até hoje se localiza o “Reino Africano de Ogum, Iansã e Exú Tiriri”, situado em uma zona periférica, distante cerca de 20 minutos do centro da cidade. Sobre o espaço no qual é construída a

<sup>1</sup> Amaci é o primeiro preceito a ser realizado para entrar na religião, ele se dá em um banho de ervas específicas no qual é banhada a cabeça, braços, pernas e os pés da pessoa. Assim a pessoa passa a ser efetivamente pertencente a aquela casa religiosa

<sup>2</sup> Nomenclatura da Casa de Nação de Mãe Ema de Xangô Aganjú



casa, a pesquisadora Ingrid Santana nos diz que “a habitação torna-se mais que uma casa e um terreno, torna-se um lugar de interação com a ancestralidade e a sacralidade” (SANTANA: 2019:73). Assim, comprehende-se que a casa de Nação faz parte da estrutura da casa onde Mãe Preta reside com seus filhos não havendo distinção da casa de moradia para o espaço onde é realizado o culto para o sagrado

## 2. METODOLOGIA

Realizando observações etnográficas e participativas dentro do “Reino de Ogum, Iansã e Exú Tirirí”, e desempenhando o papel de Yaô (filho de santo), pude ter acesso aos conhecimentos religiosos da casa e também ao caminho no qual Mãe Preta D’Ogum percorreu, tornando-se reconhecida na comunidade. Observo ainda, a ligação entre a cidade de Arroio Grande/RS e Rio Grande/RS em aspectos religiosos com a consolidação de seu culto na cidade de Arroio Grande no final do Século XX. Exemplo desta ligação entre os dois municípios citamos o caso de Ema Acosta, natural da cidade de Rio Grande, e isso fez com que mesmo ela já residindo na cidade de Arroio Grande era fortemente recorrente a ida de Mãe Ema e seus filhos para realizarem cultos religiosos na cidade de Rio Grande, como esperado devido aos estreitos laços religiosos Mãe Preta a acompanhava e com isso aprendeu grande parte dos seus ensinamentos frequentando a casa de Mãe Hayde de Oxum<sup>3</sup> e de Mãe Cleusa de Bará.<sup>4</sup> As redes de sociabilidade pautada em cultos afro-religioso se perpetuam até hoje, sendo em participações de Batuques, como em Serão<sup>5</sup> e também em participações de festas populares como por exemplo os festejos à Iemanjá realizados no dia 02 de fevereiro na praia do Cassino.

Para poder construir a narrativa sobre a criação deste espaço religioso pude contar com a oralidade da própria Mãe Preta e também de relatos de seus filhos de santos, especialmente aqueles que estão a mais tempo na convivência da casa e relataram-me a forma como se deu a sua iniciação na casa de santo. Como estratégia metodológica, elaborei um questionário com perguntas relacionadas ao tempo de convivência com a Mãe Preta, o ano que entrou para a casa, experiências religiosas de participação em algum outro culto religioso. Desse modo, esta pesquisa se propõe a mapear quais são os seus filhos de santo mais antigos e também conhecer suas histórias que contribuem fortemente para compreender de uma forma mais abrangente a vida religiosa de Mãe Preta.,

Aliado ao estudo de campo estão as leituras de outros trabalhos na área de antropologia da religião como forma de conhecimento e contextualização. No estado do Rio Grande do Sul é sabido que existem muitas vertentes relacionadas aos rituais de matriz africanas. Em suas pesquisas, o antropólogo Pedro Oro (2006) nos apresenta três delas sendo o Batuque, a Umbanda e a Linha Cruzada. Sobre o Batuque o autor ainda nos trás que

“representa a expressão mais africana do complexo afro-religioso gaúcho pois a linguagem litúrgico é o yorubana, os símbolos utilizados são as das tradições africanas, as entidades veneradas são os orixás” (ORO, 2006.p.12)

<sup>3</sup> Mãe Hayde de Oxum era uma baluarte do culto Jejê na cidade de Rio Grande e também mãe de Santo de Mãe Ema D’Xangô e Mãe Cleusa D’Bará

<sup>4</sup> Mãe Cleusa de Bará era irmã carnal de Mãe Ema de Xangô e também madrinha religiosa de Mãe Preta.

<sup>5</sup> Serão é o nome dado ao momento que ocorre a sacralização dos animais para a revitalização do ser humano e do ambiente religioso. Esta nomenclatura é dada popularmente pois este momento é grande parte das vezes realizada à noite, e muitos vão até a madrugada.



No Batuque contamos com a presença de 12 Orixás sendo que cada um é responsável por um elemento da natureza sendo eles: Bará, Ogum, Iansã, Xangô, Odé/Otim, Obá, Ossanha, Xapanã, Oxum, ibejis, Iemanjá e Oxalá

### 3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

A pesquisa aqui apresentada encontra-se em desenvolvimento e, para sua construção, estamos ouvindo e coletando os relatos da própria Mãe Preta D’Ogum que se colocou à disposição para dar o seu depoimento sobre sua trajetória religiosa e como adquiriu um vasto conhecimento religioso. Na formulação deste trabalho, e na construção dessa trajetória, ouvi relatos de seus filhos no qual traziam memórias que presenciaram ao lado de Mãe Preta. Desta forma pude observar as festividades relacionadas aos Orixás, popularmente conhecido como Batuque, o momento de sacralização de animais que é realizado para que possam ser oferecidos aos Orixás, bem como dar forças aqueles que estão de Obrigação<sup>6</sup>, pois acredita-se que o Axorô<sup>7</sup> é a fonte da revitalização do corpo do ser que pertence a esta religião.

### 4. CONCLUSÕES

Como já foi dito, esta é uma pesquisa em fase de elaboração e traz alguns primeiros dados de campo para serem debatidos e criticados. Um primeiro aspecto dessa fase de coleta de informações que já se faz notar, e precisa ser explorado, trata-se da vinculação da casa de Mãe Preta e a casa de mãe Ema com espaços religiosos da cidade de Rio Grande - Mãe Hayde D’Oxum - revelando, não apenas por esse caso, uma possível relação entre as casas de religião afro-religiosas da cidade de Arroio Grande com a cidade de Rio Grande.

O Reino de Ogum, Iansã e Exú Tirirí, acaba recebendo destaque por todos adeptos da religião afro na cidade, isto ocorre com a colaboração de um grande número de filhos de santos, filhados bem como adeptos da casa e aqueles que procuram um amparo espiritual.

A figura da Mãe Preta na cidade de Arroio Grande é reconhecida como um agente participador e promotor de cultura, além de papéis de participação no conselho de cultura afro, como segunda tesoureira da Associação religiosa Afro-Umbandista de Arroio Grande, participou de organizações de Semanas da Consciência Negra e já ministrou palestras na Universidade Federal de Pelotas (UFPel) onde pode levar um pouco do seu conhecimento do sagrado para os alunos, falando abertamente sobre os pré-conceitos existentes sobre religião afro pela falta de conhecimento.

### 5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

SANTANA, I.A.S.F. **Codinome Macumba: A vida na tenda da nação africana do Pai Oxalá e suas Estruturas Sagradas.** 2019. Dissertação (mestrado em Antropologia) - Área de Concentração em Arqueologia. Universidade Federal de Pelotas

<sup>6</sup> Obrigação é o momento de reclusão do praticante onde ele fica uma quantidade de dias (estipulados por seu pai de santo) vivendo somente para o sagrado, estando sempre em contato com a energia do seu Orixá.

<sup>7</sup> Axorô é o sangue do animal sacrificado



ORO, A.P. As religiões afro-brasileiras do Rio Grande do Sul. **Estudos afro-asiáticos** v.1. n.2 p.345-384. 2002